

José Barreto

History of a Dictatorship: um ensaio político inacabado do jovem Fernando Pessoa

Versão aumentada da comunicação "A ideia de nação e de decadência nacional no jovem Pessoa", apresentada ao 2.º Seminário Aberto do Projecto Estranhar Pessoa, sob o tema "Assuntos Nacionais", a 27 de Setembro de 2011, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. Publicado em inglês sob o título "*History of a Dictatorship: an unfinished political essay by the young Fernando Pessoa*", in *Portuguese Literary & Cultural Studies*, nº 28, Dartmouth, 2015, pp. 109-142.

Abstract: The first part of this article reviews the materials from Pessoa's literary remains associated with the book project from 1909 to 1910 titled "History of a Dictatorship." These materials remain little known and mostly unpublished. The second part examines some elements of the contents of this unfinished political work and places them within the evolution of Pessoa's thought.

Resumo: Na primeira deste artigo faz-se uma apresentação dos materiais do espólio de Fernando Pessoa relativos ao projecto de um livro intitulado *History of a Dictatorship*, datáveis de 1909-1910, ainda hoje pouco conhecidos e na sua maioria inéditos. Na segunda parte examinam-se alguns aspectos do conteúdo dessa obra política inacabada, enquadrando-os numa perspectiva evolutiva do pensamento do seu autor.

1. Os materiais do espólio pessoano relativos ao projecto *History of a Dictatorship*

Entre 1907 e 1910, anos finais do regime monárquico em Portugal, o jovem Fernando Pessoa produziu uma notável quantidade de escritos de sociologia política e "história psicológica" (expressão sua), compreendendo uma série de projectos de livros e ensaios, uns em inglês, outros em português, que o autor deixou, como futuramente seria a regra, inacabados ou apenas esboçados. O espólio pessoano conserva muitas centenas de páginas de texto e uma miríade de notas e apontamentos relativos a esses projectos, formando um vasto conjunto de prosa política na sua grande maioria ainda hoje inéditos.¹ Destacam-se de entre os referidos projectos os seguintes: *The Portuguese Regicide and the Political Situation in Portugal*, de 1908, *A Psychose [ou Nevrose] Adeantativa*, de 1908-1909, *History of a Dictatorship*, de 1909-1910, e *Da Dictadura á Republica*, iniciado em finais de 1910 e prolongando-se por 1911. Nestes projectos sobressai o tema da ditadura de João Franco (1907-1908) e é dada particular atenção à acção e à personalidade desse governante. O jovem autor propunha-se fazer a análise histórica, política, sociológica e psicológica desse período, por vezes com incursões no domínio da análise psiquiátrica. De 1909 ou princípios de 1910 data também o projecto

¹ Parte deles foram inventariados por Jerónimo Pizarro, dando atenção prioritária aos conteúdos que lhe interessavam do ponto de vista da temática de génio e loucura nos escritos de Pessoa. Ver: Fernando Pessoa, *Escritos sobre Génio e Loucura*, tomos I e II, ed. Jerónimo Pizarro, Lisboa: INCM, 2006 e Jerónimo Pizarro, *Fernando Pessoa: entre génio e loucura*, Lisboa: INCM, 2007.

O Iconoclasta, uma publicação periódica republicana radical e anticlerical², que Pessoa projectava publicar na sua malograda empresa editora e tipográfica Íbis. *O Iconoclasta* seguiu-se ao projecto de *O Phosphoro*, título talvez demasiado incendiário e por isso abandonado em 1909.³

Embora existam no espólio muitas reflexões políticas e sociológicas anteriores a estes projectos, os escritos de 1907-1910 revelam a enorme atenção com que Pessoa, em torno dos seus 20 anos, acompanhava a política portuguesa, bem como a intenção de sobre ela publicar diversas obras – primeiro, predominantemente para um imaginário público de língua inglesa e, depois, para um público de língua portuguesa, não menos imaginário. Estes escritos são também reveladores de um estágio intermédio do pensamento político de Pessoa entre as ideias libertárias da adolescência, que declarou ter abandonado por volta dos 17 anos (1905), e as ideias conservadoras, crescentemente elitistas e antidemocráticas que nele foram germinando na década seguinte, a partir da revolução republicana (5 de Outubro de 1910).

Entre os 19 e os 22 anos Pessoa era, politicamente, um republicano independente, de tendência radical e anticlerical, e um fervoroso nacionalista, que via na monarquia corrupta e opressora e na influência funesta da Igreja católica os dois grandes factores da multissecular decadência de Portugal. Era, ao mesmo tempo, um crítico acerbo dos “erros de diagnóstico em questões sociais” (título de outro seu projecto coevo) e das soluções políticas “fanáticas” e “degenerativas” dos anarquistas e dos socialistas. Como nacionalista republicano, Pessoa situava-se nos antípodas de outro nacionalismo então existente em Portugal, o do Partido Nacionalista, um partido católico e monárquico fundado em 1903 e extinto em 1910, logo após a instauração da república. O nacionalismo republicano, que teve a sua primeira grande afirmação em 1880, por ocasião das comemorações do tricentenário da morte de Camões, registou notável ascensão a partir de 1890, como consequência da humilhação nacional causada pela cedência do governo da monarquia portuguesa ao ultimato britânico.⁴ A reacção nacionalista que o ultimato suscitou deu um grande impulso à propaganda do Partido Republicano e também teve expressão na literatura, principalmente com as obras *Finis Patriae* (1890) e *Pátria de Guerra Junqueiro* (1896), que tanto impacto tiveram sobre o jovem Pessoa.⁵ Para um autor, teria sido *Pátria* a inspiração seminal do projecto poético

² Os esboços do programa e da apresentação de *O Iconoclasta* encontram-se em BNP/E3, 87-53^r a 57^r e 92B-30^f.

³ “Let up *O Phosphoro*”, diz uma anotação numa lista de coisas para fazer em 1909 (BNP/E3, 48H-49^f).

⁴ With the publication of the “Pink Map” (ca. 1886) Portugal claimed the sovereignty of the territory between Angola and Mozambique, allegedly against Cecil Rhode’s “Cape to Cairo” projects. The dispute resulted in a British Ultimatum (11 January 1890), to which the Portuguese kingdom conceded, fostering a wave of republican nationalism. The Portuguese national anthem which was adopted in 1910 by the new republican government had been composed in 1890 in the wake of the British Ultimatum.

⁵ Em resposta a um inquérito de Boavida Portugal no jornal *República* (n.º 1161, 7 de Abril de 1914) sobre “o mais belo livro português dos últimos trinta anos”, Fernando Pessoa indicava *Pátria*, de Guerra Junqueiro, que na sua opinião era “não só a maior obra dos últimos trinta anos, mas a obra capital do que há até agora de nossa literatura”. Num texto inédito, um capítulo em inglês sobre Guerra Junqueiro que

peçoano originalmente intitulado *Portugal* (década de 1910), que só viria a ter realização em 1934 no livro *Mensagem*.⁶

Os anos de 1907 a 1910, período de grande instabilidade política e agitação republicana, foram recheados de acontecimentos: a questão académica de 1907, com uma greve estudantil que de Coimbra se estendeu ao resto do país; as leis de imprensa do governo de João Franco, que desencadearam fortes protestos; o encerramento do parlamento pelo rei e o início da ditadura franquista em Maio de 1907; a questão dos adiantamentos à casa real e a solução altamente controversa que o ditador lhe deu em Agosto de 1907; a frustrada tentativa revolucionária republicana de 28 de Janeiro de 1908; o regicídio de 1 de Fevereiro de 1908 (assassinato do rei D. Carlos e do príncipe herdeiro Luís Filipe) e o fim da ditadura franquista; a sucessão de governos monárquicos incapazes de gerar a confiança do país; os êxitos republicanos nas eleições legislativas e municipais de 1908; a partir de 1909, um surto de agitação operária e sindicalista nunca até então visto em Portugal; enfim, a revolução republicana vitoriosa do 5 de Outubro de 1910.

Pessoa viveu este período de grande agitação na passagem da chamada “terceira adolescência” para a idade adulta, quando abandonou os estudos superiores, deixou de viver em casa de familiares e tentou iniciar uma carreira de escritor e editor. O ambiente político em que se vivia levou ao rubro os sentimentos patrióticos de Pessoa e despertou nele a vontade de intervir como escritor político e de contribuir para a revolução que, desde 1909, achava necessária e inevitável.

Em 1907 e princípios de 1908, ainda antes do regicídio (1 de Fevereiro), Pessoa tomava já notas sobre o carácter do chefe do governo João Franco e a sua ditadura⁷, tema que desenvolverá após o assassinato do rei. Em 1907 fora publicado um livro do médico republicano Artur Leitão sobre a personalidade de João Franco, intitulado *Um Caso de Loucura Epiléptica*, que Pessoa (aliás, Alexander Search), então com 19 anos, leu e anotou à margem. Esta obra teve sobre ele um notável impacto, estimulando-o a escrever sobre João Franco e o franquismo, ainda que discordando de Leitão em alguns pontos. Porém, nem em 1907 nem em 1908 há ainda, nos papéis de Pessoa, vestígios do projecto intitulado *History of a Dictatorship*, que segundo todos os indícios surge só em 1909, como adiante se exporá.

em 1909-1910 escreveu, segundo a nossa identificação, para *History of a Dictatorship*, Pessoa faz grandes elogios ao autor de *Patria, Finis Patriae, A Morte de D. João* e *A Velhice do Padre Eterno*, considerando então esta última, cujo título traduz como *God's Old Age*, “his best work (at some points, at least)”. Guerra Junqueiro é aí descrito como “the greatest of Portuguese contemporary poets”. O título deste capítulo (inacabado) de Pessoa é “Words to Remain in History: A Poet's Trial” e relata o julgamento de Guerra Junqueiro em Abril de 1907 (BNP/E3, 14C-30^f-35^f).

⁶ Ver Maria Teresa Pinto Coelho, *Apocalipse e Regeneração: O Ultimatum e a Mitologia da Pátria na Literatura Finissecular*, pp. 164 e 191-192.

⁷ Jerónimo Pizarro, *Fernando Pessoa: Entre Génio e Loucura*, op. cit., p. 91, e Fernando Pessoa, *Escritos sobre Génio e Loucura*, op. cit., p. 234.

Sabe-se por uma nota de Setembro de 1908 que Pessoa, ao mesmo tempo que continuava as suas leituras, iniciadas em 1907, de Max Nordau e obras de psicologia, psiquiatria e outras, estava empenhado em escrever um livro sobre a situação política portuguesa, numa reacção indignada àquilo que, desde o regicídio, se dizia sobre Portugal no estrangeiro. O livro não é nomeado nessa nota manuscrita em inglês, mas, pela data, estaria certamente a referir-se ao projecto *The Portuguese Regicide and the Political Situation in Portugal*, um livro destinado a um público estrangeiro e de autoria atribuída a Alexander Search.⁸ Transcreve-se abaixo a referida nota, animada dum ardente patriotismo e reveladora das inclinações messiânicas e sebastianistas do autor:

5th September 1908.

God give me the strength to draw, to understand the whole synthesis of the psychology and psychological history of the Portuguese nation!

Every day the papers bring me news of facts that are humiliating, □ to us, the Portuguese. No one can conceive how I suffer with them. No one can imagine the deep despair, the mighty pain that seizes me at this. Oh, how I dream of that Marquis of Tavira who should come and redeem the nation – a saviour, a true man, great and bold that would put us right. But no suffering can equal that when I bring myself to understand that this is no more than a dream.

I am never happy, neither in my selfish, nor in my unselfish moments. My solace is reading Anthero de Quental. We are, after all, brother-spirits. Oh, how I understand that deep suffering that was his.

I must write my book. I dread what the truth may be. Yet, be it bad, I have to write it. God get the truth be not bad!

I should like to have written this in better style, but my power of writing is gone.⁹

De 1908 (pós-1 de Fevereiro) são também notas relativas a outro projecto, *A Psychose Adeantativa*¹⁰, sobre a questão dos adiantamentos feitos pelo governo à casa real,

⁸ BNP/E3, 79A-71 (página de título do manuscrito da obra, a qual se ficou, aliás, por um rascunho inacabado da “Introduction” e pouco mais).

⁹ BNP/E3, 138A-6, publicado pela primeira vez em Teresa Rita Lopes, *Pessoa por Conhecer*, t.II, 1990, pp. 76-77, com erros de transcrição corrigidos por Jerónimo Pizarro em *Fernando Pessoa: entre Génio e Loucura*, op. cit., p. 132. O Marquês de Tavira (e não de Távora, como T. R. Lopes leu) referido no texto é um personagem fictício criado pelo dramaturgo espanhol José Zorrilla (1817-1893) na peça *Traidor, infançoso y mártir*, alegadamente inspirado na figura histórica de Cristóvão de Távora, valido do rei D. Sebastião, a quem acompanhou a Alcácer Quibir e ao lado do qual morreu.

projecto que na segunda metade de 1909 continuava de pé, inclusive como título a ser publicado numa colecção de panfletos da editora Íbis, mas rebaptizado *A Nevrose Adeantativa*.¹¹ Existe também um fragmento em inglês sobre o mesmo tema, intitulado “Psychopathology of the Advance Decree”¹², que pode ser um escrito autónomo ou um capítulo destinado já ao livro *History of a Dictatorship*.

O título *The Portuguese Regicide and the Political Situation in Portugal* surge no conjunto de projectos a que Pessoa chamou *Book of Tasks*¹³, datável do primeiro semestre de 1908 (obviamente pós-1 de Fevereiro de 1908, data do regicídio). Numa outra lista coeva de projectos intitulada *Books*, Pessoa previa a execução dessa obra para Junho-Outubro de 1908.¹⁴ Ora, como se lê na nota acima transcrita, a 5 de Setembro Pessoa ainda dizia: “I must write my book” – sem nomear o livro, mas que só podia ser *The Portuguese Regicide*. Quase dois meses depois, Pessoa redige um texto, assinado por Alexander Search e datado de 30 de Outubro de 1908, em que relata as enormes dificuldades que está a experimentar para levar por diante os seus numerosos planos, nomeadamente os “patriotic projects”, com que pretendia “to provoke a revolution” em Portugal, citando *The Portuguese Regicide*. Dada a grande pertinência desse texto a vários títulos, aqui se transcreve.¹⁵

No soul more loving or tender than mine has ever existed, no soul so full of kindness, of pity, of all the things of tenderness and of love. Yet no soul is so lonely as mine – not lonely, be it noted, from exterior, but from interior circumstances. I mean this: together with my great tenderness and kindness an element of an entirely opposite kind enters into my character, an element of sadness, of self-centredness, of selfishness therefore, whose effect is two-fold: to warp and hinder the development and full *internal* play of those other qualities, and to hinder, by affecting the will depressingly, their full *external* play, their manifestation. One [day] I shall analyse this, one day I shall examine better, discriminate, the elements of my character,

¹⁰ BNP/E3, 48C-3^r, lista de projectos atribuídos ao pseudónimo “Pantaleão (if necessary give true name)”, e 92H-16^f, *A Psychose Adeantativa*, publicados em Fernando Pessoa, *Escritos sobre Génio e Loucura*, op. cit., p. 238.

¹¹ Idem, p. 241. Alguns textos realmente escritos para este projecto encontram-se nas pp. 238-240.

¹² BNP/E3, 92P-10. O “decreto dos adiantamentos” (30 de Agosto de 1907), assinado por João Franco após o governo ter encerrado o parlamento, anulou as dívidas da Casa Real com uma operação contabilística, o que desencadeou uma onda de descontentamento, desacreditando o rei e a monarquia.

¹³ BNP/E3, 48C-1^r a 5^f (o título em causa está em 48C-2^f, lista de projectos de Alexander Search).

¹⁴ BNP/E3, 49C¹-48^v.

¹⁵ BNP/E3, 20-1^r a 6^f, publicado pela primeira vez, com erros e lacunas, em Fernando Pessoa, *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*, ed. Jacinto Prado Coelho e Georg Rudolf Lind (Lisboa: Ática, 1966), pp. 3-6, e de novo, correctamente, em Fernando Pessoa, *Escritos Autobiográficos, Automáticos e de Reflexão Pessoal*, ed. Richard Zenith (Lisboa: Assírio & Alvim, 2003), pp. 84-88. Transcreve-se aqui o texto apenas até à linha em que está assinado e datado.

for my curiosity of all things, linked to my curiosity for myself and for my own character, leads to one attempt to understand my personality.

It was on account of these characteristics that I wrote, describing myself, in the “Winter Day”:

One like Rousseau...
A misanthropic lover of mankind.

I have, as a matter of fact, many, too many affinities with Rousseau. In certain things our characters are identical. The warm, intense, inexpressible love of mankind, and the portion of selfishness balancing it – this is a fundamental characteristic of his character and, as well, of mine.

My intense patriotic suffering, my intense desire of bettering the condition of Portugal provoke in me – how to express with what warmth, with what intensity, with what sincerity! – a thousand plans which, even if one man could realise them, he had to have¹⁶ one characteristic which in me is purely negative – the power of will. But I suffer – on the very limit of madness, I swear it – as if I *could* do all and was unable to do it, by deficiency of will. The suffering is horrible. It holds me constantly, I say, on the limit of madness.

And then ununderstood. No one suspects my patriotic love, intenser than that of everyone I meet, of everyone I know. I do not betray it; how do I then know they have it not? how can I tell their care is not such as mine?¹⁷ Because in some cases, in most, their temperament is entirely different; because, in the other cases they speak in a way which reveals the non-existence at least of a warm patriotism. The warmth, the intensity – tender, revolted and eager, of mine I shall never express, so as not to be believed, if ever express[ed] at all.

Besides my patriotic projects – writing of “P[ortuguese] Reg[icide]” – to provoke a revolution here, writing of Portuguese pamphlets, editing of older national literary works, creation of a magazine, of a scientific review, etc. – other plans, consuming me with the necessity of being soon carried out – Jean Seul projects, critique of Binet-Sanglé, etc. – combine to produce an excess of

¹⁶ Richard Zenith, na sua transcrição deste texto, corrigiu o inglês para: he would have to have. Vd. *Escritos Autobiográficos...*, op. cit., p. 86.

¹⁷ Este último ponto de interrogação está em falta no original.

impulse that paralyses my will. The suffering that this produces I know not if it can be described as on this side of insanity.

Add to all this other reasons still for suffering, some physical, others mental, the susceptibility to every small thing that can cause pain (or even that to a normal man could not cause any pain), add this to other things still, complications, money difficulties – join this all to my fundamentally unbalanced temperament and you may be able to *suspect* what my suffering is.

A. Search — 30-10-08 —

Não há referências ao projecto *The Portuguese Regicide* posteriores a este texto, pelo que o plano de escrever a obra deve ter sido abandonado nesse Outono ou no Inverno que se seguiu, em benefício do novo projecto, *History of a Dictatorship*, animado do mesmo patriotismo exacerbado e da mesma vontade de contribuir para uma revolução republicana em Portugal.

O título *The Portuguese Regicide* nunca aparece em listas de projectos juntamente com o de *History of a Dictatorship*, o que sugere, dada a substancial coincidência temática, que o segundo projecto não só sucedeu ao primeiro, como o englobou. Não é mesmo de excluir que Pessoa tenha simplesmente decidido mudar o título à obra projectada e introduzir algumas alterações na sua estrutura, tendo eventualmente preferido conceder menor destaque ao tema específico do regicídio, remetido para simples assunto de um capítulo. Deste modo, ter-se-ia que encarar *The Portuguese Regicide and the Political Situation in Portugal* e *History of a Dictatorship* como estágios sucessivos do mesmo projecto e da mesma obra. Se nenhum documento do espólio pessoano confirma expressamente esta hipótese, também nenhum documento a invalida.

São escassos os textos que o espólio conserva expressamente relacionáveis com o projecto *The Portuguese Regicide*.¹⁸ O que existe, porém, é suficiente para concluirmos que obedecia a um plano distinto do de *History of a Dictatorship*, embora contivesse muitos assuntos comuns. Por exemplo, uma “Introdução” que Pessoa escreveu para *The Portuguese Regicide* tem o mesmo tema que o capítulo I (“National and Institutional Decay”) da Parte I da obra que adiante se identificará como sendo *History of a Dictatorship*. Quanto a esta última, não existe qualquer documento que comprove a manutenção da atribuição da autoria a Alexander Search, embora pareça lógico que ela pudesse ser mantida.

¹⁸ Os principais são a já citada “Introduction”, subtitulada “National and Institutional Decay” (BNP/E3, 79A-71 a 82), que ficou aparentemente inacabada, e as três páginas iniciais da Parte I (BNP/E3, 92W-70^f a 72^f). A “Introduction” foi traduzida para português e publicada, sem indicação expressa de que se tratava de uma introdução a *The Portuguese Regicide and the Political Situation in Portugal* em [Ana Cristina Assunção], “Ensaio político inédito: O regicídio português e a situação política em Portugal”, *JL – Jornal de Letras, Artes e Ideias*, n.º 177, 26 de Novembro de 1985, pp. 14-15.

O novo projecto *History of a Dictatorship* consta de uma lista de “work to be done” no mês de Junho de 1909, em que também aparece como projecto autónomo *A Psychose Adeantativa*.¹⁹ Outras listas de 1909 incluem, num grupo de “Portuguese Books”, *A Psychose Adeantativa* e, num grupo de “English Books”, o projecto *History of a Dictatorship*.²⁰ Como se disse, nenhuma destas listas de 1909 menciona já *The Portuguese Regicide*. O começo do projecto *History of a Dictatorship*, com epígrafe futuramente abreviada para *H. of a D.*, parece pois datar do primeiro semestre de 1909. Não há qualquer indício de que o projecto *H. of a D.* tenha sido iniciado ainda em 1908.²¹ Entretanto, o projecto de panfleto *A Psychose Adeantativa* também já não será mencionado em 1910, tendo o seu assunto sido possivelmente englobado no projecto *H. of a D.*, que mobilizará o autor ao longo de 1909 e de 1910.

Em 1909 Pessoa recebe uma herança da sua avó Dionísia e, no último trimestre desse ano, instala a sua empresa editora e tipográfica Íbis, que teria curta vida. É bastante presumível que o lançamento da Íbis tenha motivado mais fortemente Pessoa a escrever e editar a sua obra “patriótica”. Contrariamente a outros projectos de obras do jovem Pessoa, que umas vezes se resumiam a planos de sumário e textos fragmentários, outras vezes não passavam de meros títulos em listas, o projecto *H. of a D.* atingiu um estado de realização relativamente adiantado. Foi mesmo essa a primeira tentativa continuada e persistente de Pessoa de escrever e publicar um livro – significativamente de tema político.

Além de centenas de notas esparsas encimadas pela epígrafe *H. of a D.*, existe no espólio um conjunto de mais de 200 páginas de texto em inglês que, segundo tudo leva a crer, apesar de não estar nele indicado o título geral da obra, constitui a quase totalidade da Parte I de *History of a Dictatorship*, bem como uma série de textos destinados ao final da Parte I e às Partes II, III e IV.²² Nesse conjunto, as primeiras 90 páginas, compreendendo os quatro primeiros capítulos da Parte I, intitulada “Extent and causes of Portuguese Decay”, encontram-se dactilografadas (cópia a químico), numeradas em sequência de capítulo para capítulo e com algumas emendas e acrescentos manuscritos. Existe também no espólio o dactiloscrito original destas 90 páginas, sem anotações manuscritas. Quase todas as restantes páginas do conjunto são manuscritas e estão numeradas sem sequência de capítulo para capítulo. O conjunto

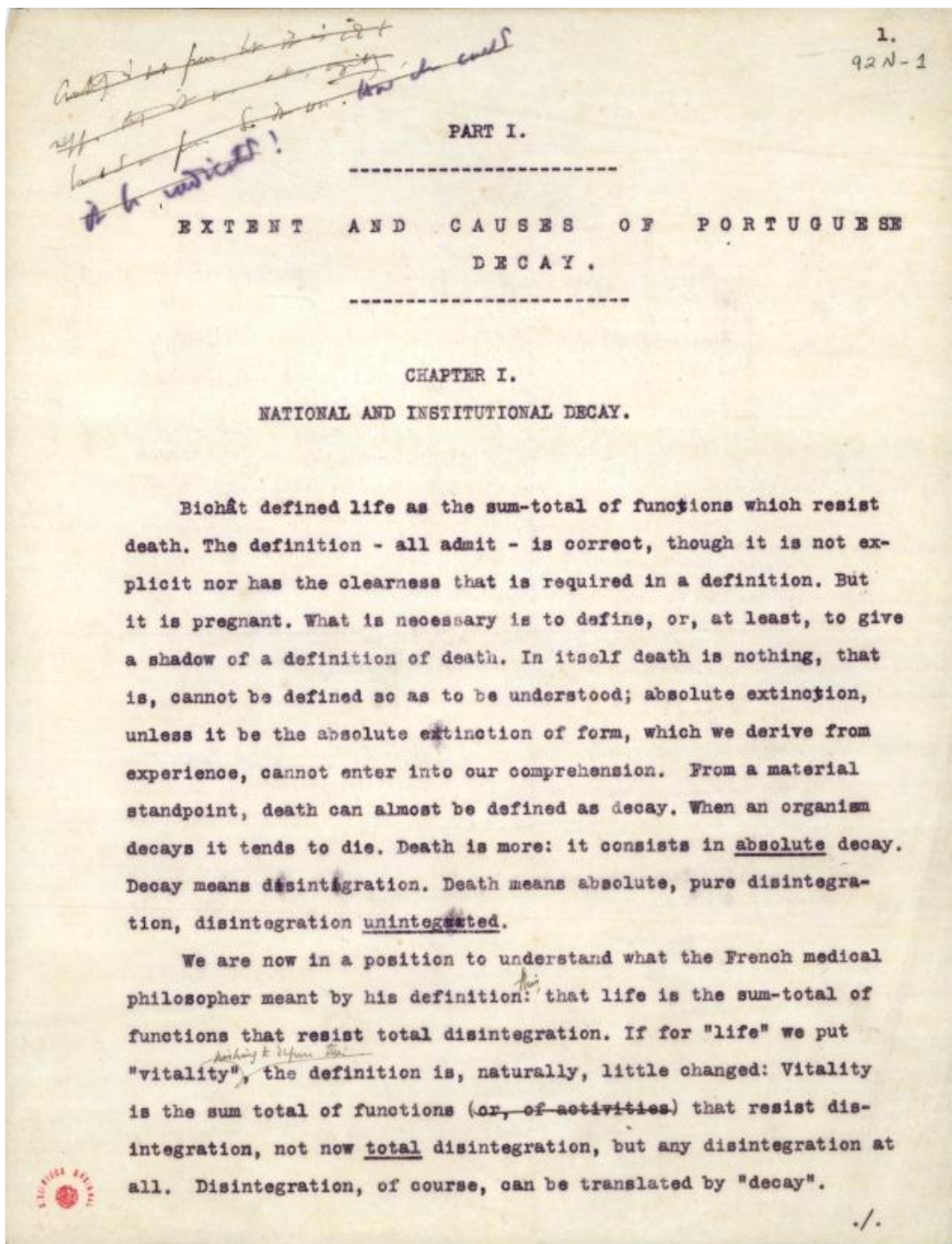
¹⁹ BNP/E3, 48-24^f, publicado em Fernando Pessoa, *Escritos sobre génio e loucura*, op. cit., pp. 240-241.

²⁰ BNP/E3, 144D-3^r e 6^f.

²¹ Cf. a opinião diversa de Jerónimo Pizarro expressa em *Fernando Pessoa: Entre Génio e Loucura*, op. cit., p.44, e em Fernando Pessoa, *Escritos sobre Génio e Loucura*, op. cit., p. 822. Não se confirma a hipótese de que *History of a Dictatorship* fosse uma obra bilingue (p. 122 da primeira obra citada), dado que os capítulos realmente escritos, quer dactilografados, quer manuscritos, foram-no sempre em inglês e o próprio Pessoa classifica a obra como um “English essay” ou “English book” (BNP/E3, 144D-6^f). Para o projecto *H. of a D.* só apontamentos avulsos é que foram redigidos em português, e nem sempre.

²² O conjunto reparte-se essencialmente pelas cotas 92N, 92O e 92P do espólio, bem como por parte de 92Q, 92R, 92S e 92Y. Um capítulo dactilografado, aliás inacabado, que aparenta ser o capítulo IX da II Parte, encontra-se arrumado noutra sector do espólio (BNP/E3, 14C-30^f a 35^f).

dactilografado e manuscrito é composto de texto corrido, dividido em capítulos, não se tratando pois de apontamentos avulsos ou notas fragmentárias. Tratava-se de um livro destinado a um público de língua inglesa, não só pela língua em que foi escrito como por certos esclarecimentos que o autor dá aos leitores e pela maneira como se refere a Portugal.



Fernando Pessoa, "Extent and causes of Portuguese decay", p. 1 (BNP/E3, 92N-1).

O título geral da obra, como se disse, não está indicado nem na página inicial da Parte I, que apenas contém o título desta, nem em nenhuma das restantes, razão pela qual este núcleo não foi anteriormente identificado como o texto realmente escrito, deixado inacabado, de *History of a Dictatorship*. A essa circunstância acresce o facto de o conjunto não estar datado e só poder sê-lo indirectamente.²³ Não pode, porém, haver dúvida de que o tema central desta obra era a ditadura de João Franco, pois que na página 50 o autor declara que o ditador é “the hero, so to speak, of this book” – o herói negativo, obviamente.²⁴

Pelo número de páginas de texto acabado (dactilografado) ou semi-acabado (capítulos manuscritos) que o compõem, este núcleo constitui, mesmo sem contar os apontamentos avulsos, a obra ensaística mais extensa, em qualquer área temática, que Pessoa escreveu em toda a sua vida – embora, como depois se tornaria habitual, a não tivesse terminado.

A divisão em partes e respectivos capítulos do conjunto *History of a Dictatorship* parece ter sido objecto de várias hesitações do autor. Num aparente plano inicial da obra, o livro deveria ter uma Introdução e cinco partes, embora a Parte II não esteja ali indicada, talvez por lapso.²⁵ Segundo este plano de cinco partes (na realidade, quatro), a Parte I teria nove capítulos, dos quais o último abordaria já o reinado de D. Carlos, iniciado em 1891. A Parte III (isto é, II), compreendendo apenas três capítulos, trataria dos antecedentes da ditadura e da pessoa de João Franco, a Parte IV (III) trataria exclusivamente da ditadura de João Franco e a Parte V (IV) tinha como tema os “problemas do futuro”. Num manuscrito posterior²⁶, do final de 1910 ou princípios de 1911, o autor diz que a *Hist[oria] de uma Dict[adura]* (agora já referida em português) tinha apenas três partes, o que não coincide com a divisão do núcleo de textos dactilografados e manuscritos, que compreende realmente quatro partes. No texto dactilografado da Parte I de *History of a Dictatorship*, o reinado de D. Carlos é abordado já no capítulo IV, o que revela uma arrumação muito diferente dos capítulos em relação ao citado plano inicial de quatro partes. Este plano incluía, como se disse, uma Introdução, de cariz teórico, dividida em cinco pontos, que o autor não chegou a redigir, pelo menos nesse formato. Os primeiros três capítulos da Parte I do plano, de cunho teórico ou geral, não têm correspondência temática com o texto realmente escrito da Parte I. Alguma correspondência entre o plano e os temas do texto dactilografado só se verifica nos capítulos seguintes, relativos à periodização da história da monarquia e às fases da sua alegada decadência.

²³ Sabemos, por exemplo, que a obra foi escrita ainda durante a monarquia (antes de 5 de Outubro de 1910) pela seguinte frase: “the Portuguese monarchy [...] is at present very low, very weak – dying, we may say” (BNP/E3, 92N-40^f).

²⁴ BNP/E3, 92N-93^f.

²⁵ BNP/E3, 92L-19 a 20, publicado por Pizarro, em Fernando Pessoa, *Escritos sobre Génio e Loucura*, op. cit., pp. 260-261. Nesta obra, são transcritos, além desse plano e de parte de um prefácio, 51 textos de Pessoa relacionados com o projecto *History of a Dictatorship* (pp. 259-302).

²⁶ BNP/E3, 92S-54.

A Parte I realmente escrita de *History of a Dictatorship*, que como se disse tem por título “Extent and Causes of Portuguese Decay”, consta de quatro capítulos (o último dos quais inacabado), que são os que estão dactilografados e com relativamente poucas emendas manuscritas. Esses quatro capítulos têm título e são numerados em caracteres romanos. O resto da obra, que, como se disse, está manuscrita e claramente em estado de rascunho, compreende as Partes II, III e IV, que não têm título e se compõem, por sua vez, de um número incerto de capítulos, que só raramente têm título. Também a numeração dos capítulos manuscritos é lacunar (cinco dos capítulos manuscritos não têm número), mas aparecem no conjunto um capítulo XIV, um XV e um XVII, o que dá uma ideia da extensão do livro.

Em acréscimo a este núcleo de textos da obra propriamente dita, Pessoa escreveu ao longo de 1909 e 1910, como se referiu já, numerosíssimas notas avulsas e apontamentos de todo o tipo sob a epígrafe *H. of a D.*. Entre outros meios de datação destas notas, como o papel timbrado da empresa Íbis (1909-1910), referências a notícias de jornais de 1910 e carimbos de correio desse mesmo ano²⁷, há também numerosos apontamentos para *H. of a D.* que foram escritos no verso de pequenas folhas soltas de calendário de 1910, dos meses de Janeiro a fins de Agosto. No total (a soma do texto da obra dividido em capítulos mais as notas avulsas), o espólio do autor conserva para cima de 700 páginas relativas a este projecto. A partir de dada altura, o projecto aparece por vezes designado em português, *Historia de uma Dictadura*, mas a epígrafe abreviada *H. of a D.* continuará a aparecer em inglês ao longo de 1910 e até em apontamentos posteriores à instauração da república.²⁸ O conteúdo desta multidão de notas avulsas, apontamentos ou curtas reflexões teóricas é muito variável: temas de religião, história da literatura, sociologia, psicologia, psiquiatria, legislação, política, história antiga ou contemporânea, história portuguesa ou europeia, etc. É por vezes muito difícil imaginar como tais notas e apontamentos se relacionariam com o assunto principal de *History of a Dictatorship*. A epígrafe *H. of a D.* aparece em bastantes dessas notas juntamente com (ou em alternativa a) outras epígrafes, relativas a projectos coevos, como *Erros de Diagnostico [em questões sociaes]*²⁹, *Jeshu ben Pandira*, personagem lendária que alguns identificaram com o Jesus histórico³⁰, *Bases [de uma Constituição Republicana]*³¹, *Ic[onoclasta]*³² e *Sursum Corda!*³³, entre outros. A dispersão por todos

²⁷ Ver Fernando Pessoa, *Escritos sobre Génio e Loucura*, p. 822, com ressalva da afirmação que aí é feita, segundo a qual Pessoa teria começado a redigir *History of a Dictatorship* já em 1908, o que não se confirma.

²⁸ Por exemplo, BNP/E3, 108A-75 a 79^f, sob a epígrafe *H. of a D.*, é um texto posterior à queda da monarquia.

²⁹ BNP/E3, 108A-40 e 108A-65 a 66.

³⁰ BNP/E3, 108-46 e 47. Pessoa também escreve: *Ieshu* e *Jeschú*.

³¹ BNP/E3, 108-20 a 26, 108-50, 108-95.

³² BNP/E3, 92E-26 a 29.

³³ BNP/E3, 108A-91.

estes projectos parece indiciar uma incapacidade ou quebra do afincamento do autor em levar até ao fim o projecto *H. of a D.* Certo, porém, é que *History of a Dictatorship* constituiu o principal pólo mobilizador da escrita ensaística de Pessoa entre 1909 e 1910, concentrando ou cruzando nele uma multiplicidade de temas que constituíam motivos paralelos de interesse ou de leituras. Pessoa parece não ter resistido à tentação algo juvenil de abordar, num projecto de tema preciso, todas as matérias que então lhe interessavam e eram assunto das suas diversas leituras.

A preocupação de cientificidade, a multiplicidade de pontos de vista e alguma originalidade da abordagem não conseguem dissimular a verdura patente em vários aspectos de conteúdo da obra. A invocação frequente de argumentos “sociológicos”, “psicológicos” e até “psiquiátricos” – que o levam, inclusive, a apresentar a sua obra, num prefácio que para ela redigiu, como o primeiro estudo histórico, mesmo internacionalmente, fundado nas ciências psicológica e psiquiátrica³⁴ – chocam com a ostensiva parcialidade política do livro, muito próximo dos pontos de vista da propaganda republicana, inclusive no seu extremo anticlericalismo. Neste aspecto é flagrante o contraste entre os textos do jovem Pessoa e o livro de Sampaio Bruno, *A Dictadura*, escrito em 1908 e publicado no início de 1909, que é um estudo coevo sobre o mesmo tema, da autoria de um intelectual republicano independente, homem de grande espírito crítico e vasta cultura, escrito na fase final da sua vida. Note-se que Pessoa nunca se refere a essa obra de Sampaio Bruno, talvez por a não conhecer ainda, embora inclua *O Brasil Mental* (1898), do mesmo autor, numa lista datável de 1910 com bibliografia de apoio para o seu livro.³⁵

O facto de *History of a Dictatorship* ter sido imaginada para um público de língua inglesa, muito escassamente informado sobre a situação política portuguesa e sobre Portugal, não terá estimulado o jovem Pessoa a aprofundar ou detalhar muito a sua análise. Este problema do público a que a obra se destinava deve ter sido sentido e meditado por Pessoa, que estava então precisamente naquele período de transição em que começou a escrever cada vez menos em inglês e cada vez mais em português.³⁶ O título da obra projectada, *History of a Dictatorship*, não seria decerto o mais indicado para um livro destinado a leitores ingleses, aos quais a personalidade de João Franco e a circunstância de o seu governo ter sido “ditatorial” – isto é, com o Parlamento temporariamente encerrado – interessariam muito menos do que o facto do regicídio. O projecto inicial de 1908, *The Portuguese Regicide and the Political Situation in*

³⁴ BNP/E3, 92S-42 e 43. Escreve aí o autor: “This is, we believe, the first clearly historical work in which the principles of a psychology based upon science, in which even the principles of psychiatric science are applied.” Este Prefácio foi parcialmente transcrito por Jerónimo Pizarro em Fernando Pessoa, *Escritos sobre Génio e Loucura*, op. cit., p. 259).

³⁵ BNP/E3, 93-48^f, sob o título: “Livros para escrever a H. of a D.”, reproduzido em Fernando Pessoa, *Escritos sobre génio e loucura*, op. cit., p. 291. Essa bibliografia inclui um livro de João de Barros publicado já em 1910, *La Littérature portugaise*, o que permite datá-la deste ano.

³⁶ Ver a este propósito, Jerónimo Pizarro, *Fernando Pessoa: Entre génio e Loucura*, op. cit., p. 123. G

Portugal tinha um título possivelmente bastante mais apelativo para esse público. Como o próprio autor dirá numa nota posterior à instauração da república, talvez de 1911, tinham sido o regicídio e a revolução republicana os dois acontecimentos que mais chamaram a atenção do estrangeiro para Portugal:

O Regicídio, e, depois, a Revolução, foram dois phenomenos que chamaram sobre nós, embora imperfeitamente, a atenção do estrangeiro. Quer dizer: em vez de desconhecidos, passámos a ser mal conhecidos. Antes, nada se sabia de nós; passaram a saber-se de nós cousas inteiramente falsas. O conhecimento que o estrangeiro tem de nós oscila entre o nada e o erro. (BNP/E3, 92Q-97').

Ainda menos atractivo para leitores estrangeiros seria o facto de *History of a Dictatorship* ser uma obra de propaganda republicana pura e dura. Escrever em inglês ou em português? Escrever para um público estrangeiro ou para um público nacional? Escrever com a isenção científica de um sociólogo e historiador ou com o empenhamento de um revolucionário republicano? Estes eram certamente alguns dos dilemas com que o autor se colocava naquela época.

As mudanças de título, tema e âmbito temporal dos seus ensaios políticos deste período, a passagem para a redacção em português e, enfim, o aparente desaparecimento do pseudónimo britânico Alexander Search como seu autor denotam um processo de aproximação de Pessoa ao público leitor português e uma maior vontade de envolvimento pessoal na realidade nacional, como se só por volta de 1910, cinco anos depois do seu regresso de Durban, se começasse a sentir plenamente integrado no meio português. Recorde-se o plano coevo de criação de uma editora com oficina tipográfica, a malograda Íbis, que teoricamente teria permitido a edição de obras suas, à cabeça das quais esta *History of a Dictatorship*, sem ter de depender da duvidosa aceitação por parte de um editor inglês. Depois do desastre financeiro da Íbis, ocorrido entre Novembro de 1909 e os primeiros meses do ano seguinte³⁷, em que Pessoa dissipou boa parte da herança de sua avó Dionísia³⁸, ele ainda continuará, ao longo de 1910, a trabalhar para este projecto inglês.

Após a instauração da república, Pessoa começou a desenvolver outros projectos de ensaio político, mais centrados na história recente e na actualidade, cujos temas, porém, prolongavam ou cavalgavam parcialmente os de *History of a Dictatorship*. É o caso do conjunto de textos avulsos sob a designação *Considerações Post-Revolucionarias*, de 1910-1911, em alguns dos quais ainda aparece a epígrafe alternativa *H. of a D.*³⁹ É o

³⁷ António Mega Ferreira, *Fazer pela Vida*, Lisboa: Assírio e Alvim, 2005, pp. 59-60.

³⁸ Numa carta de Pretória datada de 12 de Janeiro de 1913 (peça ainda inédita do espólio familiar), a mãe de Fernando Pessoa fala dos “cinco contos de réis” da herança da avó que teriam desaparecido, restando ainda ao filho uma dívida de 350.000 réis para pagar. A mãe atribui esses factos ao negócio frustrado da tipografia: “A tua má cabeça, metendo-te em negócios de que nada entendias, levou tudo por água abaixo”. A causa de tudo, segundo a mãe, eram as “tuas ideias da tipografia, para publicar livros teus, os quais tu próprio confessas, ainda nem hoje estão escritos.”

caso, sobretudo, do projecto *Da Dictadura á Republica* (abreviatura: *Da D. á R.*), que parece constituir uma nova versão, agora destinada ao público português, de parte de *History of a Dictatorship*, mas estendendo já o seu âmbito temporal aos primeiros meses da república e sugerindo no novo título da obra um nexo causal entre a ditadura de João Franco e a revolução republicana vitoriosa. Num texto inédito a que já atrás me referi, datável de fins de 1910 ou princípios de 1911, que aparenta ser o prefácio do projectado livro *Da Dictadura á Republica*, Pessoa diz:

O livro que apresentamos é realmente a terceira parte de uma obra em que ha tempo andavamos trabalhando – Hist[oria] de uma Dicta[dura] [...] Indefinidamente demorado, esse estudo poderia tornar-se inactual, por se lhe antecipar, talvez, a proclamação da republica; o que não prejudicaria essencialmente as partes 1.^a e 2.^a do livro, mas com certeza prejudicaria a terceira – esta que agora apresentamos.” (BNP/E3, 92S-54^{F-V}).

Na já citada pequena bibliografia de apoio para *H. of a D.* que Pessoa elaborou em 1910⁴⁰ figura uma obra espanhola publicada em Fevereiro de 1908, da autoria de Luis Morote, sobre a crise da monarquia em Portugal e as perspectivas de instauração do regime republicano, intitulada *De la Dictadura á la República*⁴¹, título coincidente com o do projecto pessoano *Da Dictadura á Republica*. Um exemplar da obra de Morote encontra-se na biblioteca particular de Fernando Pessoa e contém, além de uma assinatura de posse de Alexander Search, vários sublinhados e observações a lápis.⁴² Segundo tudo indica, Pessoa apropriou-se do título da obra de Morote para o seu novo projecto, surgido no último trimestre de 1910, após a revolução republicana.

Os projectos *H. of a D.* e *Da D. á R.*, de temas parcialmente sobrepostos, coexistiram autonomamente durante algum tempo. Há no espólio folhas contendo múltiplos trechos, encimados uns pela epígrafe *H. of a D.*, outros pela epígrafe *Da D. á R.*⁴³ Num escrito de fins de 1910 ou começos de 1911, em que faz uma apreciação dos decretos do

³⁹ Por exemplo, BNP/E3, 108A-22 a 23 e 108A-25^F.

⁴⁰ “Livros para escrever a H. of a D.”, atrás já citado.

⁴¹ Luis Morote, *De la Dictadura á la República (La Vida Política en Portugal)*, Valencia: F. Sempere y Compañía, s.d. [1908]. Dada a ambiguidade do título e o facto de a edição não ter data, gerou-se, com o tempo, um mal-entendido sobre o ano de publicação deste livro, generalizando-se a ideia de que seria posterior a 5 de Outubro de 1910. O livro de Morote historia a ditadura de João Franco e os seus antecedentes e é rematado por uma breve nota de última hora, “Tragedia final: derrumbamiento de un régimen” (pp. 281-282), que refere em duas páginas o regicídio (1 de Fevereiro de 1908) e a ascensão ao trono do rei D. Manuel II. Não se tratava pois, realmente, da queda da monarquia, mas apenas da convicção de Morote de que a república estava prestes a ser instaurada. Patricio Ferrari datou correctamente a obra de 1908, em “A biblioteca de Fernando Pessoa na génese dos heterónimos”, in Jerónimo Pizarro (coord.) *Fernando Pessoa : O Guardador de Papéis* (Alfragide: Texto, 2009), p. 195.

⁴² Jerónimo Pizarro, Patricio Ferrari e Antonio Cardiello, *A Biblioteca Particular de Fernando Pessoa*, Lisboa: D. Quixote, 2010, pp. 138-139 e 142.

⁴³ Por exemplo, BNP/E3, 108-10.

governo provisório da república, Pessoa sintomaticamente coloca quatro epígrafes alternativas à cabeça do texto: “*Ic[onoclasta] ou H. of a D. ou Cons[iderações post-rev[olucionarias] ou Da D[ictadura] á R[epublica]*”, tendo posteriormente riscado a segunda, *H. of a D.*⁴⁴ Em teoria, as duas obras de Pessoa, a inglesa e a portuguesa, apesar da temática comum largamente comum, não se excluíam mutuamente, aparentemente por se destinarem a públicos (imaginários) diferentes. Depois de várias hesitações, enquanto o projecto *Da D. á R.* mantém o título, o projecto *H. of a D.* aparenta passar a designar-se *The Decline and Fall of the Portuguese Monarchy*, tal como figura numa lista de “Publicações” juntamente com *Da Dictadura á Republica. Estudo sociologico dos ultimos annos da monarchia em Portugal.*⁴⁵

Que o tema das duas obras, a portuguesa e a inglesa, era amplamente coincidente testemunha-o um manuscrito inédito⁴⁶, sob a epígrafe *Da Dictadura á Republica (1906-1910)* – note-se o marco cronológico –, que contém um plano de sumário da obra em português e em cuja Parte I, de carácter introdutório, o autor intentaria fazer uma periodização da história política de Portugal desde o séc. XVI até 1906, exactamente como em *History of a Dictatorship*. Essa primeira parte do projecto *Da Dictadura á Republica* é significativamente intitulada “Extensão e Causas da Decadencia Portuguesa”, ou seja, a exacta tradução portuguesa do título que antes fora dado à Parte I de *History of a Dictatorship*, “Extent and causes of Portuguese Decay”. A periodização da multi-secular decadência portuguesa é também um dos temas do novo projecto *Considerações Post-Revolucionarias*.⁴⁷ Por fim, no decurso de 1911, o próprio projecto sobrevivente *Da D. á R.* desaparecerá, para ceder o lugar a outros, mais focalizados na actualidade política, como *A Oligarchia das Bestas*, projecto iniciado em princípios de 1911 e que, aparentemente, ficou depois em *stand by* durante vários anos.⁴⁸ No entanto, o projecto do ensaio em inglês, agora sob o título *The Decline and Fall of the Portuguese Monarchy*, como atrás se disse, ainda sobrevivia em 1911, pois figurava em duas listas de projectos juntamente com *A Oligarchia das Bestas*.⁴⁹

⁴⁴ BNP/E3, 92B-63.

⁴⁵ BNP/E3, 48H-33^r. O novo título do ensaio em inglês aparece também na lista 48H-7^r e 58^r, com a particularidade de a sua autoria ser aí pela primeira vez atribuída a Fernando Pessoa. Esta lista enumera nove títulos sob a epígrafe “Estudos Contemporaneos” (uma colecção de livros?) e nela não figura já o título *Da Dictadura á Republica*.

⁴⁶ BNP/E3, 92C-71^r.

⁴⁷ BNP/E3, 92C-82: “*Cons[ideraçõe]s post-rev[olucionarias] e (?) / ou Da D. á R.*”

⁴⁸ Curiosamente, a ideia para escrever *A Oligarchia das Bestas* surge durante a redacção de um apontamento para *Cons[ideraçõe]s post-rev[olucionarias]* (BNP/E3, 92F-27^r). *A Oligarchia das Bestas* é aí descrito como “A Pamphlet against our radicals, against A[fonso] C[osta], etc.”

⁴⁹ BNP/E3, 48H-58^r, sob o título *Politica e Sociologia*, e 48H-7^r, atrás citado, que parece ser o projecto de uma colecção de estudos intitulada *Estudos Contemporaneos*. Este projecto é datável de 1911, pois entre os estudos projectados figura já o título *A Coroação de Jorge Quinto* (a coroação de George V teve lugar em Junho de 1911).

A crise final da monarquia portuguesa deixaria de constituir tema de escritos políticos de Pessoa por volta de 1911-1912, quando passam para primeiro plano a análise e a crítica “sociológicas” da revolução e da governação republicanas, do republicanismo radical, do afonsismo, do anarquismo e do socialismo (a crítica destes últimos fora por ele iniciada já cerca de 1906), mas também a crítica da reacção monárquica e católica à república. Contudo, os projectos de ensaio político em que Pessoa começa então a trabalhar, como a *Oligarquia das Bestas*, já não denotam tão grande persistência na escrita nem, aparentemente, um tão grande propósito do autor em publicá-los como anteriormente, em 1908-1910. Em 1912 Pessoa publicará finalmente os seus primeiros ensaios na 2.ª série da revista *A Águia*, não sobre temas directamente políticos, mas sim literários: a análise “sociológica” e “psicológica” da nova poesia portuguesa, onde porém não se coibirá de deixar expressas algumas opiniões políticas.

2. Sobre os temas centrais e algumas teses de *History of a Dictatorship*

Não se pretende aqui analisar ou descrever a totalidade da obra que Pessoa deixou redigida, dada a extensão da parte manuscrita e o enorme esforço de decifração que ela ainda exige, sem falar da multidão de notas avulsas relativas ao mesmo projecto. Todavia, nas primeiras 90 páginas da obra, que se encontram dactilografadas e quase sem emendas, estão formuladas algumas das principais teses do autor, além dos princípios teóricos em que se baseiam.

O livro *History of a Dictatorship* não é um tratado de história, avisa desde logo o autor, acrescentando: “Não é nossa intenção tentar fazer a história de Portugal. Basta que mostremos até que ponto o povo português, vítima das suas instituições, caiu num estado de profunda depressão, da qual está contudo a lutar para se levantar.”⁵⁰ A obra do jovem Pessoa enquadra-se nessa luta contra as instituições da decadente monarquia portuguesa.

A obra começa por abordar, na generalidade, o conceito de *decadência*, tema fulcral da sua análise da situação portuguesa, para seguidamente definir e delimitar dois tipos de decadência: decadência institucional e decadência nacional.⁵¹ Desde o início se revela a adesão a uma concepção marcadamente organicista da sociedade, devedora das concepções sociológicas comteana e spenceriana, mas inspirada também no conceito biológico de *degenerescência* que, na pegada de Max Nordau, Pessoa aplica à sociedade, para significar o processo contrário à evolução da mesma. Neste escrito,

⁵⁰ “Extent and causes of Portuguese decay” (texto que aqui identificámos como a Parte I de *History of a Dictatorship*), p. 18 (BNP/E3, 92N-35’).

⁵¹ Idem, pp. 1-17. O primeiro capítulo da Parte I intitula-se precisamente “National and Institutional Decay” (BNP/E3, 92N-1’ 17’). Como se disse já, “National and Institutional Decay” era também o subtítulo da “Introduction” que Pessoa escreveu para *The Portuguese Regicide and the Political Situation in Portugal* (BNP/E3, 79A-71 a 82).

decadência e *degenerescência* são termos quase intermutáveis. As primeiras páginas são dedicadas a definir os conceitos básicos de vida e de morte. Essas considerações e os conceitos médico-biológicos de vitalidade, saúde, doença, estado moribundo, etc. aplicar-se-iam não só aos organismos vivos, incluindo os seres humanos, como também a “essas outras espécies de organismos – as sociedades e as nações”, cujas “células” são os indivíduos.⁵² Numa nação ou sociedade, tal como num organismo vivo, actuariam duas forças de sentido oposto, a de integração e a de desintegração.⁵³ A existência de uma opinião pública e a existência de uma vontade colectiva, esta normalmente representada pelo governo de um Estado, revelariam essa força integradora. A excessiva individualização da opinião ou a sua pulverização em partidos e facções revelariam a força contrária, desintegradora, que teria uma influência negativa sobre a governação, tornando-a incapaz de cumprir a sua função normal. Num Estado livre, em que a vontade colectiva determina o governo e este a representa, a decadência da governação estaria relacionada com a decadência da própria nação; num estado não livre, a decadência do poder político ou das instituições poderia ou não corresponder a uma decadência da nação, visto que aí o poder não é representativo da nação, da opinião ou do povo.⁵⁴

A crença firme no progresso e na democracia, que caracteriza o pensamento do jovem Pessoa, revela-se na sua concepção de que a toda a evolução política das sociedades é um processo de ascensão numa escala do poder, o qual historicamente começa por ser baseado na força, na vontade do *mais forte*, evoluindo para o poder baseado na *autoridade* e, por fim, para o poder baseado na opinião, *isto é*, na vontade popular, ou seja, a *democracia*. Note-se, num parêntese, que esta mesma tipologia evolutiva das formas do poder será retomada numa obra da maturidade do autor, *O Interregno*, em 1928.⁵⁵ Com a formação da monarquia e da aristocracia, o poder baseado na mera força tornara-se autoridade e a superstição dos povos primitivos tornara-se religião. Porém, como a fonte original da autoridade, e mesmo a sua essência, continua a ser a força, o autor afirma que “the authoritarian or conservative spirit has three forms: it is monarchical, it is religious and it is militarist”. O estágio seguinte é a *degenerescência* ou *decadência* do sistema de

⁵² Idem, p. 4.

⁵³ O par de conceitos *integração* e *desintegração*, de que Herbert Spencer se serviu desde os *First Principles* para descrever tanto processos orgânicos como sociais, foi depois também utilizado na obra sociológica de Émile Durkheim. Fernando Pessoa teve conhecimento directo ou indirecto da obra de ambos, sendo particularmente influenciado pela de Spencer, que já lia antes de 1910. Ver José Barreto, “Fernando Pessoa racionalista, livre-pensador e individualista: A influência liberal inglesa”, in S. Dix, J. Pizarro (eds.), *A Arca de Pessoa: Novos Ensaios*, Lisboa, ICS, 2007, pp. 109-127; Jerónimo Pizarro, *Fernando Pessoa: entre génio e loucura*, Lisboa: INCM, 2007, pp. 50-54; e Steffen Dix e José Barreto “Um sociólogo oblíquo: a função social da religião e da arte e as reflexões políticas em torno de Fernando Pessoa”, in P. A. Silva, F. C. Silva (eds.), *Ciências Sociais: Vocaçã o e Profissã o. Homenagem a Manuel Villaverde Cabral*, Lisboa: ICS, 2013, pp. 181-205.

⁵⁴ Idem, p. 5.

⁵⁵ Ver: José Barreto, “A publicação de *O Interregno* no contexto político de 1927-1928”, em *Pessoa Plural*, n.2 (Outono 2012), p. 191 e nota 19.

poder de autoridade, que a prazo dará lugar à formação do sistema de poder fundado na opinião, na vontade popular, estádio ao qual, pela experiência histórica, diz o autor, só se chegaria por uma revolução.⁵⁶

A monarquia constitucional portuguesa (1820-1910), a exemplo de outras monarquias constitucionais coevas, não passaria, segundo o autor, de “uma mistura fraudulenta do sistema de autoridade e do de opinião”, uma espécie de organismo híbrido que revelaria uma tendência atávica para a reversão, para o regresso ao absolutismo.⁵⁷ No seu processo de degenerescência, a monarquia e a aristocracia tornam-se *imbecis*, desprezíveis e cruéis. As instituições corrompem-se e entram em decadência acelerada. A corrupção de alguns e a opressão de todos são os meios com que o sistema de autoridade tenta compensar a sua perda de prestígio e de controlo sobre o povo, mas “the clearer-sighted of the rising middle classes”, que não podem ser comprados, vão encarnar, apesar de oprimidos pelo poder, o espírito do bem público contra a decadência das instituições. A revolução aparece então no horizonte como a solução para fazer evoluir a sociedade para um novo estádio, a democracia.⁵⁸ Nestas considerações transparece o esqueleto doutrinário do livro, bem como o papel que o autor a si próprio se outorga: o de *elemento clarividente e incorruptível das classes médias em ascensão*, que encarna a resistência do espírito revolucionário contra a decadência das instituições.

Numa *nação decadente*, os interesses mais egoístas e criminosos das pessoas e dos políticos sobrepõem-se ao bem público, valor que deveria imperar numa *nação saudável*.⁵⁹ Nos políticos conservadores predominam então a ambição pessoal, a sede de poder, a tendência para o fanatismo e para a opressão. Por seu turno, certos representantes do povo, igualmente indiferentes ao bem público e aos efeitos das suas doutrinas utópicas e perigosas sobre as massas, apenas têm a ambição de as liderar e de adquirir prestígio como oradores. O país afunda-se neste extremar de egoísmos, ambições individuais e indiferenças, revelador daquilo a que o autor chama decadência nacional.⁶⁰ A relação organicista entre a decadência colectiva e a degenerescência individual dos políticos é sublinhada num texto manuscrito que Pessoa escreveu para a Parte II do livro: “Abnormal times call abnormal people into existence. Abnormal times bring abnormal figures to the fore. The abnormal and degenerative conditions of Portuguese monarchy called forth many strange creatures to public life.”⁶¹ Estava aqui obviamente a referir-se ao “degenerado” e “criminoso-nato” João Franco, o ditador surgido no derradeiro estádio de decadência das instituições monárquicas.

⁵⁶ “Extent and causes of Portuguese decay”, pp. 6-8.

⁵⁷ Idem, p. 12.

⁵⁸ Idem, pp. 8-9.

⁵⁹ Idem, p. 11.

⁶⁰ Idem, pp. 10-11.

⁶¹ BNP/E3, 92R-75^l.

A decadência das instituições, ou decadência política, pode ou não reflectir, segundo o autor, um processo de decadência da nação ou da sociedade. A distinção entre *decadência institucional* e *decadência nacional*, em que Pessoa insiste repetidamente, combina-se com a distinção entre nações livres ou não livres, consoante o poder dos políticos tenha origem na opinião, no povo, ou lhes seja outorgado por um rei com poderes absolutos. Se há decadência política numa nação *livre*, em que as instituições e o governo são reflexo da vontade da nação, então é porque a decadência é também nacional (ou social) e é esta que produz a decadência política. Se há decadência política numa nação *não livre*, não se segue necessariamente que o povo, a nação ou a sociedade sejam decadentes, embora a fonte do poder político, que é a monarquia absoluta e o rei, o seja certamente. Contudo, numa nação *não livre*, com um governo absoluto ou semi-absoluto, a decadência política teria tendência a causar a decadência da sociedade. No conceito de decadência nacional ou social o autor engloba também a decadência económica, comercial e moral.⁶²

Estas considerações sobre decadência institucional e decadência nacional tendem a sustentar a tese do autor – e magna conclusão da obra – de que as causas da decadência portuguesa eram primeiramente *institucionais* (a monarquia e a Igreja católica), provando assim que o derrube das instituições era a solução dos males que afectavam a nação.⁶³ Mas para isso era ainda necessário que existissem na nação suficientes elementos de regeneração, isto é, que não houvesse uma situação de completa decadência nacional, caracterizada ou pela ausência de opinião pública e de protesto popular ou pela existência de uma oposição incoerente, errada nos seus propósitos, dominada apenas por sentimentos de ódio ou vingança. Por pior que fosse a situação do país, se a “a maioria do povo” mostrasse sentimentos de cidadania e revelasse devoção pelo bem público, o poder que governava contra a nação não teria alternativa senão curvar-se ou ser derrubado. Era contudo indispensável a existência de um “corpo de homens” organizados e ordeiros, animados de um espírito são, com aspirações coerentes e realizáveis, capazes de exercerem uma crescente pressão sobre o governo da monarquia. Esse espírito necessário – como se não coíbe de indicar o jovem sociólogo Pessoa – era o sentimento revolucionário republicano e o seu objectivo deveria ser a instauração do regime republicano.⁶⁴ Portugal estaria em 1909-1910, segundo o autor, no culminar de um processo multissecular de decadência institucional, com a sua monarquia corrupta e opressiva praticamente moribunda. Contudo, Portugal não estaria ainda *completamente* numa situação de decadência nacional, embora a monarquia tivesse profundamente contaminado toda a vida da nação. Era por isso urgente que o país apressasse o processo de transformação das suas instituições e conquistasse a

⁶² “Extent and causes of Portuguese decay”, pp. 12-13.

⁶³ Veja-se BNP/E3, 108B-5^r, sob a epígrafe *H[istoria] de uma Dictadura – Conclusões*. Os outros factores da decadência nacional seriam a influência estrangeira, a oligarquia dos caciques e a decadência da própria civilização ocidental.

⁶⁴ “Extent and causes of Portuguese decay”, pp. 15-16.

liberdade interna “by the establishment of a republic”.⁶⁵ Prova da vitalidade que, no meio da decadência, ainda restava a Portugal, era a existência de um grande partido republicano, que nos últimos anos tão enérgica acção havia desenvolvido. “There is yet hope. All is not lost” – comenta Pessoa.⁶⁶

Era este o sentido geral do livro *History of a Dictatorship*, uma obra de exaltação nacionalista que pretendia demonstrar a necessidade de implantar a república para salvar a nação moribunda da ameaça de uma decadência completa e fatal, ou seja, da morte.

O livro situa historicamente o início da decadência da monarquia portuguesa não no momento da perda da independência, em 1580, mas já anteriormente, durante o período áureo da expansão marítima, no reinado de D. Manuel I, monarca em quem Pessoa identifica estigmas de degenerescência e que (citando o historiador Alexandre Herculano) teria rasgado, invocando o “direito divino”, centenas de cartas de privilégio, forais e outros estatutos nos quais estavam inscritos os antigos direitos, liberdades e imunidades do povo e dos municípios.⁶⁷ A entrega ou venda do país aos espanhóis pela alta nobreza e pelo clero em 1580, após o desastre africano de Alcácer-Quibir (1578), provaria a existência de um processo degenerativo já anterior.⁶⁸ A ocupação espanhola é também relacionada pelo autor com a influência opressiva da Igreja, uma vez que a perda de independência para Castela ocorrera no reinado do cardeal D. Henrique e fora abençoada pelo papa. Após a ocupação espanhola (que o autor, por lapso, várias vezes diz ter durado 80 anos, em lugar de 60), teria desaparecido completamente o espírito de aventura, conquista e expansão que tinha feito a glória passada da nação.

A influência maligna da Igreja e o papel desta no longo processo de decadência portuguesa são constantemente apontados nesta obra e constituem tema específico do segundo capítulo da Parte I.⁶⁹ A Igreja católica, por sua natureza, só seria compatível com uma monarquia absoluta⁷⁰ e seria a única entidade capaz de produzir as duas espécies de decadência, institucional e nacional, que se verificavam em Portugal.⁷¹ Na peugada dos escritos panfletários de Alexandre Herculano e das *Causas da decadência dos povos peninsulares* de Antero de Quental, o jovem Pessoa sustenta que em Portugal o sentido moral foi transformado pela Igreja em sentimento religioso, característica

⁶⁵ Idem, p. 17.

⁶⁶ Idem, pp. 37-38.

⁶⁷ Idem, p. 19.

⁶⁸ Idem, p. 38.

⁶⁹ Idem, chapter II, “Origin of Portuguese decadence: influence of the Roman Catholic Church”, pp. 18-43.

⁷⁰ Idem, p. 44.

⁷¹ Idem, p. 23.

especial da fé dos povos do sul da Europa (“the Southerners”, como lhes chama), e que esse sentimento religioso foi por sua transformado, em Portugal e em Espanha, numa *instituição*, ao contrário do que se verificaria no Norte da Europa e, em particular, em Inglaterra.⁷² Pessoa considera que a *degenerescência* da família real e da aristocracia nacionais (causada pela consanguinidade, que diz ter sido estudada por um “distinto autor português”, Júlio Dantas), sendo também um factor causador da decadência da monarquia, não seria a *causa primária* dessa decadência. Haveria até um efeito degenerativo mais forte e mais profundo do que o eventualmente causado pela consanguinidade biológica, a saber, o efeito causado pela “consanguinidade moral” de todas as famílias reais, em virtude do exercício do poder (e cita em apoio desta tese uma obra do psiquiatra e antropólogo russo Paul Jacoby sobre selecção humana⁷³). Todavia, o factor supremo de *degenerescência moral* dos monarcas e da nobreza de Portugal era, na opinião do autor, o “fanatismo”, ou seja, “a religião, a fé católica romana”.⁷⁴ Numa nação católica, a influência absolutista, autoritária e opressiva da Igreja seria particularmente nefasta entre os monarcas e a nobreza, já “naturalmente predestinados para toda a espécie de males e de aberrações” pelo exercício do poder e pela consanguinidade.⁷⁵ Teria sido a Igreja que, tanto durante a monarquia constitucional como antes dela, teria “radicado nas almas dos monarcas e dos nobres as ideias do governo absoluto”. Porque a Igreja era por natureza absolutista e despótica:

The Catholic Church has an absolutist constitution, far more despotic and oppressive than any absolutism that has been, far more cruel than any political cruelty in its bad moments, and far less excusable because doing all these things for the glory of God and, of course, in the name of Jesus.⁷⁶

Sobre a massa do povo também a Igreja católica exercia essa maligna influência, ainda que o povo, devido ao seu “bom senso”, sanidade mental e “moralidade humana”, tivesse escapado aos piores efeitos da contaminação religiosa. Isso provaria quão forte a raça portuguesa era na sua origem, para ter preservado a sua existência sob tão malignas influências e assim ter evitado que a decadência do país não fosse muito maior.⁷⁷ Em todo o caso, no Sul da Europa, e aqui Pessoa cita Lombroso e um cientista português que não nomeia, os indivíduos mais desprovidos de senso moral, os “born-criminals” e “born-prostitutes”, seriam pessoas “characteristically religious, devoted to the Catholic

⁷² Idem, p. 22.

⁷³ Idem, p. 28. Trata-se do livro de Paul Jacoby, *Etudes sur la sélection dans ses rapports avec l'hérédité chez l'homme* (1881), de que Pessoa pode ter tido conhecimento através da obra de John F. Nisbet, *Marriage and Heredity* (1908), que leu.

⁷⁴ Idem, p. 29.

⁷⁵ Idem, p. 33.

⁷⁶ Idem, p. 22.

⁷⁷ Idem, p. 37.

Church”.⁷⁸ Esta relação entre uma tendência atávica para o crime e uma espécie, não menos atávica, de devoção religiosa não seria característica de outras religiões, menos geradoras da superstição e relaxamento moral. “The best part of religion is that which keeps the moral sense in activity”, afirma Pessoa, daí inferindo “the enormous superiority of the Protestant religion to the Catholic”. E acrescenta: “The further from dogma, from pomp, from superstition, the better for a religion.”⁷⁹

O anticatolicismo radical expresso em muitas destas páginas de 1909-1910 seria basicamente mantido por Pessoa ao longo da vida, mas com nuances e variantes em relação a algumas das suas antigas posições. Abandonando após a Grande Guerra a visão negativa que tinha sobre a monarquia absoluta, Pessoa deixaria naturalmente de acusar a detestada Igreja católica de mentora do absolutismo em Portugal, sem nunca deixar porém de apontar o papel “opressivo” e “perversor da alma” da Igreja⁸⁰ e de responsabilizar por “dois séculos de educação fradesca e jesuítica”.⁸¹ Também os seus juízos sobre o dogma religioso seriam revistos. Por volta de 1930, Pessoa criticava assim os maçons portugueses, que acusava de terem uma *mentalidade* católica, embora fossem irreligiosos: “Para quê rejeitar o dogma catholico, que é inoffensivo e elevado, e ficar com a mentalidade catholica, que é uma perversão, intellectual e moral, da mentalidade civilizada?”⁸²

Antes ainda de historiar em pormenor os antecedentes próximos (1906-1907) e a sucessão de acontecimentos da ditadura de João Franco (1907-1908), assuntos que constituíam o tema das partes seguintes, a Parte I de *History of a Dictatorship* passa longamente em revista as sucessivas fases da decadência portuguesa desde o início do absolutismo. Na época do absolutismo só distingue a acção do marquês de Pombal, que qualifica como “um dos maiores estadistas do mundo”, mas que, animado por ideias de bem público e de regeneração nacional, lamentavelmente revelara ser ainda mais absolutista do que os reis absolutos. Após a revolução liberal de 1820, o autor considera que a monarquia constitucional só começou verdadeiramente em 1851, com a Regeneração fontista, ideia que retoma do conselheiro Augusto Fuschini, um político liberal com ideias vagamente socialistas que nos anos 90 do séc. XIX escrevera dois famosos livros sobre a política portuguesa, que Pessoa cita abundantemente no livro.⁸³

⁷⁸ Idem, p. 30.

⁷⁹ Idem, pp. 31.

⁸⁰ BNP/E3, 55F-17^f, 55F-18^f a 20^f trecho da resposta a um inquérito de ca. 1930, inédito.

⁸¹ BNP/E3, 55I-23^f, trecho da resposta a um inquérito de ca. 1930, publicado pela primeira vez em *Sobre Portugal*, pp. 84-85.

⁸² BNP/E3, 129A-3^f, trecho da resposta a um inquérito de ca. 1930, publicado pela primeira vez em Fernando Pessoa, *Associações Secretas e outros escritos*, ed. José Barreto, Lisboa:Ática, 2011, p. 190.

⁸³ As obras mais citadas por Pessoa ao longo da Parte I de *History of a Dictatorship* são o livro de Fuschini, *O Presente e o Futuro de Portugal*, originalmente publicado em 1899, e o *Manual Político do Cidadão Português*, de Trindade Coelho, cuja 1.^a edição era de 1906.

O período da monarquia constitucional é dividido por Pessoa em duas fases: a primeira de 1851 até 1890, que paradoxalmente designa como “Unconstitutional monarchy”, a segunda de 1890 em diante, não menos paradoxalmente designado “Constitutional anarchy”.⁸⁴ No fundo, o autor, seguindo a opinião de Fuschini⁸⁵, acaba por recusar sempre à monarquia portuguesa, desde a revolução liberal até à data em que escreve o seu livro, a qualidade de constitucional, pois considera que nunca nessa monarquia se atingiu um ponto de equilíbrio entre a soberania de origem popular e as prerrogativas da coroa, equilíbrio difícil de conseguir e que, segundo Pessoa, só tinha sido possível em Inglaterra e outros países do Norte da Europa, porque não submetidos à influência da Igreja católica. Não só a Carta Constitucional (1826) era de “espírito ultraconservador”, porque mantinha instrumentos de poder absoluto do rei (o encerramento do parlamento por D. Carlos, dois anos antes do momento em que Pessoa escrevia, parecia confirmá-lo) e porque conservava o catolicismo como religião de Estado, como também os políticos eleitos na vigência da Carta, mesmo os de origens populares, crescentemente imersos no clima geral de corrupção e venalidade que o próprio poder real favorecia e fomentava, raramente teriam representado os interesses do povo.

Os temas centrais da Parte I de *History of a Dictatorship* são a decadência nacional e a possibilidade de regeneração de Portugal. Vejamos, primeiramente, com que forças e dinâmicas sociais contava em 1909-1910 o jovem Pessoa para que a nação portuguesa resistisse à decadência e entrasse no caminho da regeneração e, seguidamente, de que modo evoluiu o seu pensamento sobre estas questões na idade madura.

No organismo da nação, a que outras vezes chama estado, o jovem republicano Fernando Pessoa aponta os órgãos doentes, responsáveis pela decadência nacional e pelo estado “moribundo” da monarquia portuguesa, a saber, os monarcas, a aristocracia, a Igreja católica e os caciques políticos, que seriam todos, em bloco, corruptos, corruptores e inimigos do bem público. A influência estrangeira é também apontada como causa de decadência – mais tarde Pessoa falará preferentemente de *desnacionalização*. Removendo essas causas determinantes, “o que de fisiologicamente social houver abaixo de isto melhorar-se-á”, escreveu Pessoa nas projectadas conclusões da sua obra.⁸⁶ Para ele, com efeito, a parte sã da nação era o povo em geral e, em particular, as classes médias, termo que na sua concepção abrangia diversos estratos sociais entre a nobreza e o proletariado. Ainda que submetido à nefasta influência da Igreja e ao sistema corruptor da monarquia, o povo – ou, pelo menos, a parte do povo poupada a essas influências contaminante – constituía para o jovem autor a base sã da nação, o factor primacial de resistência à desintegração e à decadência. O povo tinha bom senso e era o guardião de um sentido moral *humano*, isto é, independente da

⁸⁴ Esses dois períodos são analisados nos capítulos III e IV da Parte I, intitulados “Unconstitutional monarchy” e “Constitutional anarchy”. Ver: “Extent and causes of Portuguese decay”, pp. 44-76 e pp. 77-89). O autor também usa para a primeira expressão a variante “constitutional absolutism” (idem, p. 55).

⁸⁵ Idem, p. 41.

⁸⁶ BNP/E3, 108B-5^r, *H[istoria] de uma Dictadura – Conclusões*.

religião (católica), afirmação algo surpreendente, se atentarmos nas considerações do autor sobre a religiosidade dos povos latinos.

Nesta obra, Pessoa usa os conceitos de democracia, vontade popular (ou governo baseado no povo) e opinião (ou governo baseado na opinião) como sinónimos. Por piores que fossem as instituições políticas, se a *maioria do povo* (de acordo com o seu credo democrático de então) possuísse sentimentos de cidadania e mostrasse devoção pelo bem público, o poder teria de se lhe curvar ou ser derrubado.⁸⁷ Porém, noutras passagens do texto, estes sentimentos de cidadania e de devoção pelo bem público, condições da regeneração nacional, aparecem conferidos não à maioria do povo, mas sim a entidades específicas. Assim, como se referiu atrás, o autor destaca na massa do povo “os elementos clarividentes das classes médias em ascensão”, ou seja, da burguesia e da elite intelectual, e fala também da indispensável existência de um “corpo de homens” organizados e ordeiros, animados de um espírito são e aspirações coerentes, com um programa realista e realizável, ou seja, o partido republicano.⁸⁸ Socialistas, anarquistas e líderes operários não pertenceriam, pois, à parte *sã* do povo e da nação, valendo-se Pessoa do diagnóstico do psiquiatra Júlio de Matos – tradutor em 1904 de *A Superstição Socialista*, de Raffaele Garofalo, fundador da criminologia e luminária do positivismo. A ênfase posta nos elementos clarividentes e incorruptíveis das classes médias em ascensão evoca a importância decisiva que futuramente Pessoa atribuirá às elites, a uma “aristocracia” não de sangue, mas de mérito, inteligência e sentido ético. Assim, numa fase em que Pessoa ainda fala muito do povo e da “maioria do povo” como reserva natural da nação, denota todavia já, em embrião, alguns traços do seu futuro pensamento elitista, que o levará anos depois a formular a doutrina de uma “república aristocrática” e, no clima de grande instabilidade social e política do pós-sidonismo (1919-1920), a rejeitar por inteiro o valor da democracia e a falar quase sempre com menosprezo da maioria do povo. Também o conceito pessoano de *opinião pública* se transfigurará com o tempo: aos vinte anos Pessoa pensava que o *governo da opinião* era o governo do povo, o governo da maioria. Aos trinta anos (veja-se *O Interregno*, de 1928) pensará que um governo baseado na opinião pública não podia ser uma “democracia” – pelo menos como ela era então comumente entendida – porque a opinião pública era a opinião de minorias e porque as vontades e as opiniões da maioria dos indivíduos não seriam agregáveis. Aos vinte anos, como se referiu atrás, verberava os egoísmos e as ambições individuais; aos trinta considerava-os, em bloco, como os mais sólidos pilares da sociedade e da civilização.

Para concluir, examinemos brevemente a permanência dos temas da decadência e da regeneração nacionais na obra política, literária e profética de Pessoa desde a juventude até à sua morte – temas que basicamente retomou das gerações intelectuais anteriores.

⁸⁷ Idem, p. 16.

⁸⁸ Idem, pp. 15-16.

Como se constatou, a temática da decadência nacional é tratada em *History of a Dictatorship* segundo um paradigma organicista, evolucionista e historicista rígido, abordagem bastante esquemática e simplista que não surpreende numa espécie de manifesto político radical de um autor juvenil. Não é propriamente pelo tema que se pretendia distinguir a obra do jovem Pessoa, nem mesmo pelas suas conclusões, mas sim pela pretensão de abordagem científica, muito sob a influência de obras de psiquiatras e criminologistas e alguns expoentes do pensamento positivista.⁸⁹ O tema da decadência, quer referida à monarquia quer à própria sociedade portuguesa, há muito que era glosado pela nata da intelectualidade em Portugal. Da decadência nacional tinham falado anteriormente, em diversos tons, com mais ou menos esperança de regeneração, Alexandre Herculano, Antero de Quental, Oliveira Martins, Eça de Queirós, Ramalho Ortigão, Guerra Junqueiro, Fialho de Almeida, o já referido Sampaio Bruno (menos apocalíptico no seu diagnóstico de decadência) e outros intelectuais patriotas, como Augusto Fuschini, o autor mais citado em *History of a Dictatorship* por Pessoa, que a ele, a Oliveira Martins ou a Guerra Junqueiro pode ter ido beber o conceito de *nação moribunda*. Fuschini era talvez o mais pessimista de todos, chegando a considerar que o povo e a própria *raça* portuguesa tinham sido “envenenados” por “séculos de podridão física e de corrupção moral”.⁹⁰ Fernando Pessoa – embora acreditando, como vimos, que o povo era a parte sã e a reserva moral da nação e que “the Portuguese race” tinha sido no passado e ainda continuava a ser “a strong race, the strongest in the South”⁹¹ – seguiu o trilho dos cultores do tema da decadência de Portugal, dir-se-ia mote obrigatório da elite pensante da segunda metade do século XIX, mas acrescentando-lhe desde cedo o misticismo messiânico e sebastianista, também na pegada de outros pensadores patrióticos, como Oliveira Martins, Guerra Junqueiro ou Sampaio Bruno, autor de *O Encoberto* em 1904. Recorde-se o objecto da esperança de Pessoa, em 1908, com vinte anos: “A saviour, a true man, great and bold that would put us right.” O diagnóstico de decadência nacional, originado na crença de uma mítica era dourada da nacionalidade (basicamente, o período das descobertas e da expansão ultramarina), tinha como complemento natural, no misticismo sebastianista⁹² do jovem Pessoa, a profecia de uma redenção messiânica ou salvadora. Parece pertinente a afirmação de que o primeiro sebastianismo de Fernando Pessoa cristalizou em torno da ideia da república, constituindo *History of a Dictatorship* a obra que anuncia a salvadora.

⁸⁹ Entre outros, Pessoa cita nesta obra, em apoio das suas teses, Paul Jacoby, Cesare Lombroso, Júlio de Matos e Júlio Dantas, além do fisiologista Xavier Bichat (1771-1802), um dos grandes inspiradores de Auguste Comte.

⁹⁰ Augusto Fuschini, *Liquidações Políticas*, Lisboa: Companhia Tipográfica, 1896, p. 149.

⁹¹ “Extent and causes of Portuguese decay”, p. 25.

⁹² Obviamente, misticismo sebastianista não impedia Pessoa de julgar como catastrófica a aventura africana do rei D. Sebastião que conduziu à perda da independência de Portugal em 1580. Na sua opinião, o jovem rei teria desprezado todos os conselhos prudentes, submetido como estava à influência da Igreja: “the sole cause of the madly audacious condition of minds” teria sido a religião (“Extent and causes of Portuguese decay”, p. 26).

A evolução do pensamento político de Pessoa nos anos que se seguiram à revolução de 1910, em direcção a um republicanismo assumidamente conservador, mas mantendo sempre a independência que o caracterizou da juventude até à morte, afastá-lo-ia do estudo da decadência nacional enquanto processo referido especificamente à monarquia, acabando por projectar o fenómeno, sem quebra de continuidade, no período da 1.^a República (1910-1926). Esta, “radicalizando”, “anarquizando” e “desnacionalizando” ainda mais a nação decadente, teria mesmo feito entrar a sociedade portuguesa num período de alegada “degenerescência”, termo utilizado num sentido mais pejorativo do que simples decadência ou desnacionalização, indicando um estágio patológico ou “mórbido” num processo regressivo.⁹³ Para Pessoa, a 1.^a República revelar-se-ia, afinal, a continuação e o agravamento, já sem monarquia, dos vícios que ele tinha diagnosticado no constitucionalismo monárquico.

Depois da desilusão republicana democrática, claramente espelhada desde 1911 nos fragmentos que escreveu para a *Oligarquia das Bestas*, na colaboração de 1912 para a revista *Águia*⁹⁴ e em diversos outros escritos, Pessoa criou ou aderiu a outros modelos assumidamente messiânicos e sebastianistas, a outros Desejados: o “supra-Camões” (anunciado na *Águia*⁹⁵), a figura salvífica do “Presidente-Rei Sidónio Pais” (surgida após a morte do dito, em 1919-1920, na colaboração de Pessoa para o jornal sidonista *Acção*), o Quinto Império (mito de referência bíblica que Pessoa reelabora a partir de meados dos anos 1920, inspirado na interpretação que o seiscentista António Vieira lhe deu na sua *História do Futuro*) ou ainda, a partir de Maio de 1926, a bem mais real Ditadura Militar (à qual Pessoa ofereceu a sua veia messiânica com a publicação de *O Interregno*). Todos estes modelos proféticos aparecem associados a diagnósticos de decadência e a ideais de regeneração nacional, de glória e grandeza futura de Portugal – o “supra-Portugal de amanhã”, como já em 1912 se lhe referia na *Águia*.⁹⁶

O tema da decadência nacional acompanhou, pois, Fernando Pessoa durante toda a vida, quer com esperança de redenção, se pensarmos na *Mensagem*, obra escrita e reescrita ao longo da idade madura (“Tudo vale a pena se a alma não é pequena”, “É a Hora!”), quer finalmente já sem essa esperança, se pensarmos no poema pessimista “Elegia na sombra”, declaração de desespero e descrença de um nacionalista místico e messiânico, escrita em 1935 a meses da sua morte (“Quem nos roubou a alma?”, “...nada vale a pena”).

⁹³ Veja-se o texto “A desorientação em que temos vivido, a decadência em que temos vegetado...” (BNP/E3, 92D-37^f, publicado pela primeira vez em Fernando Pessoa, *Sobre Portugal. Introdução ao Problema Nacional*, org. Joel Serrão, Lisboa: Ática, 1979, p. 130.)

⁹⁴ Fernando Pessoa, “Reincidindo...”, *A Águia*, n.º 5, Maio de 1912, p. 143.

⁹⁵ Fernando Pessoa, “A Nova Poesia Portuguesa Sociologicamente Considerada”, *A Águia*, n.º 4, Abril de 1912, p. 107.

⁹⁶ Idem, *ibid.*